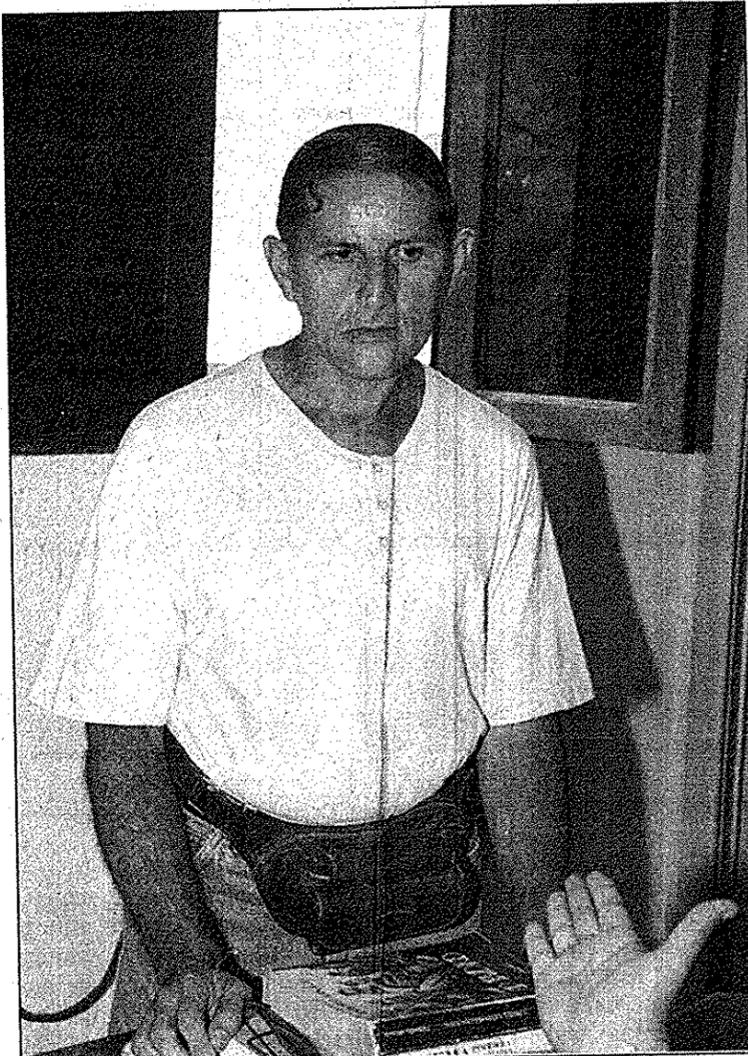


4468 "O índio não precisa de tutores"

Tentar mudar a desgastada imagem criada em volta das atividades da Fundação Nacional do Índio (Funai). Essa tarefa tem tomado todo o tempo do indigenista Frederico de Miranda Oliveira, de 49 anos, desde que reassumiu o cargo que já ocupara durante quatro anos, entre 1991 e 1995.

Empossado com o apoio de várias lideranças indígenas, das seis áreas que estão dentro da jurisdição da administração regional da Funai de Belém, Frederico Oliveira, ou Fred, como é mais conhecido, cuida dos problemas de 2.345 índios, dos grupos indígenas Tembê, Timbira, Kaapor, Zoé, Wai Wai e Guará, distribuídos em 30 aldeias, donos de uma área com 3.304.213 de hectares de extensão.

Mas ele pretende intervir cada vez menos na vida dos índios, por meio de um trabalho de parceria interinstitucional, dentro da nova filosofia implantada no órgão pelo ex-presidente Júlio Gaiger. Frederico afirmou que o paternalismo deve ser eliminado aos poucos, à medida em que o índio vá tomando conta do seu destino. Ele disse ainda que tem o apoio irrestrito de Brasília e das comunidades indígenas.



▲ FREDERICO OLIVEIRA - "Vida do índio independe da Funai"

não-governamental Pobreza e Meio Ambiente, vamos trabalhar o tratamento dessa água, já que no Alto Rio Guamá todas as fontes de água das comunidades indígenas estão contaminadas por coliformes fecais.

■ **Como está a saúde do índio que vive sob a jurisdição da Funai administrada pelo senhor?**

□ Os problemas mais graves são provocados pela malária e pela diarreia, esta devido ao problema da contaminação da água. Mas hoje a incidência não tem sido tão alta. Junto com a FNS, a Funai tem feito vacinações, enviado equipes médicas, quando necessário. São situações que podem ser controladas.

■ **As seis áreas indígenas jurisdicionadas à administração da Funai em Belém abrangem cerca de 3,3 milhões de hectares, e**

são habitadas por 2.345 índios. Não é muita terra para pouco índio?

□ Não. As comunidades indígenas precisam de um território significativo para poderem sobreviver, e dar segurança de sobrevivência às suas futuras gerações. Os índios utilizam grande parte do seu território. Eles se deslocam constantemente, migram de uma área para outra conforme suas necessidades. Nas reservas existem diferentes ecossistemas, e eles tem necessidade de todos. Não se pode falar em muita terra para pouco índio na Amazônia, quando se sabe que existem fazendeiros com propriedades com mais de 20 mil hectares, e algumas delas servem apenas para a especulação. Na jurisdição indígena sob a nossa administração, a média é de 1.300 hectares para cada índio.

■ **Como estão sendo**

resolvidos os problemas de invasão das reservas indígenas, principalmente nas que ficam no Alto Rio Guamá?

□ Nós estamos realizando ações de repressão contra a extração ilegal de madeira, num trabalho conjunto com Incra, Ibama e Ministério Público Federal. No final deste mês o Incra vai estar retirando da reserva dos índios Tembê, no Alto Rio Guamá, 17 famílias de posseiros, que serão remanejadas para outra área adquirida pelo governo federal.

Sabemos que essas ações não inibirão a entrada de mais invasores e a extração ilegal de madeira. No entanto, se nós conseguirmos rediscutir essa questão, e obter financiamento para realizarmos ações mais eficientes objetivando a desintrusão (retirada dos intrusos da reserva), nós poderemos, dentro de algum tempo, conseguir um resultado muito melhor da que já foi conseguida até hoje.

■ **Algumas lideranças indígenas não compactuam com os madeireiros, dificultando essa desintrusão?**

□ Atualmente nós não estamos tendo esse tipo de problema. Ao contrário, todas as lideranças indígenas querem que a situação seja logo resolvida, que suas áreas, já demarcadas, sejam logo regularizadas.

■ **A Funai está deixando de ser paternalista?**

□ Nós estamos trabalhando para mudar essa situação. Mas temos que entender que o paternalismo não pode ser erradicado assim, de um momento para outro. Tem que ser através de um processo, envolvendo as comunidades na nova filosofia do órgão, preparando as etnias para a sua autonomia.

■ **O senhor acha que o índio aculturado deve se emancipar?**

□ Eu entendo que deveria acontecer uma caminhada rumo a uma organização, uma autogestão, uma ocupação de seu espaço numa nova relação. Sem que isso signifique uma integração. Isso é outra coisa. Essa caminhada no sentido da

autonomia é uma ação importante de cidadania. A própria Constituição não considera mais o índio incapaz, como uma criança que precisa ter um tutor.

■ **Hoje, o que o índio tem feito sem o dedo da Funai?**

□ Ele já realiza uma série de ações. Econômica, como na agricultura de subsistência, política, fazendo contatos com órgãos públicos para discutir assuntos. O índio tem uma vida na sua comunidade que independe de Funai ou de qualquer outro órgão.

■ **O senhor pretende fazer mudança de técnicos nos postos indigenistas sob sua jurisdição?**

□ No momento ainda não. Mas essa questão do trabalho dentro das comunidades indígenas ainda será objeto de discussão. Nós já conversamos com os indigenistas que ocupam a chefia nos postos, e vamos repensar, juntos com as lideranças indígenas, esse modelo de trabalho de indigenistas dentro das aldeias. Nós temos dificuldades com recursos humanos, insuficientes e de baixa qualificação. Mas nós podemos reverter esse quadro através das parcerias, trazendo técnicos de outras instituições, assim como reciclando os que pertencem ao nosso quadro.

■ **O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) vive criticando a atuação da Funai. Como o senhor encara isso, e o que está fazendo para melhorar o relacionamento?**

□ Pelo menos na minha administração isso não está acontecendo. Eu sempre mantive um bom relacionamento com os integrantes do Cimi, já realizei diversos trabalhos com eles, inclusive na minha primeira passagem pela Funai.

■ **A saída de Júlio Gaiger da presidência da Funai ameaça seu posto aqui em Belém?**

□ Até o momento nada mudou em Brasília. Todo o corpo técnico que trabalhava com o Júlio continua, nós estamos tendo o apoio de Brasília.

■ **Como está sendo a arrumação da casa, nesse seu retorno à direção da administração regional Funai de Belém?**

□ Nós estamos tentando reorganizar a Funai. Dentro da nova filosofia proposta pela direção nacional do órgão, que tem como base o trabalho interinstitucional, as ações de sustentabilidade e a assessoria às comunidades indígenas, na caminhada para a autogestão do índio.

■ **Certa vez um indigenista disse que aqui na Funai tinha muitos funcionários que não gostavam de índio. O senhor mudou esse pessoal?**

□ Veja bem. Com a equipe que formamos, estamos trabalhando no sentido de sensibilizar os servidores para que essa equipe seja coesa, para que ela possa realizar sua tarefa. É através dessa sensibilização que vamos conseguir fazer com que essas pessoas que você citou, entendam que a questão indígena, da forma como está sendo conduzida agora, é importante e precisa ser estimulada, apoiada.

■ **Qual está sendo a maior dificuldade nessa sua volta à Funai?**

□ Como sempre, a maior dificuldade é a de obter recursos financeiros, que continuam insuficientes. Uma das formas de se tentar

superar dificuldades é através das parcerias, que estão sendo tentadas junto ao governo estadual e às universidades e organizações não-governamentais. Já temos, nessas parcerias, alguns resultados positivos.

■ **Como está sendo feita a assistência às aldeias indígenas em sua administração?**

□ Nelas nós estamos também reorganizando nosso trabalho. Principalmente na área de saúde. Já participamos de reuniões realizadas em várias comunidades, a maior parte nas localizadas no Alto Rio Guamá. Nosso objetivo é realizar as ações interinstitucionais e os projetos sustentáveis com a participação direta das associações e comunidades indígenas.

■ **Na área de saúde, a Funai está conseguindo se entender com a Fundação Nacional de Saúde (FNS)?**

□ Estamos sim. As reuniões que já tivemos com o pessoal da FNS têm sido muito proveitosas, e ações importantes já estão sendo feitas por aquele órgão em algumas comunidades, principalmente no posto indígena do Alto Rio Guamá, onde foi feito um inquérito sanitário, e discutido com a comunidade a implantação de dois microsistemas de água. Com o apoio da organização